

# ilhã *virtualpontocom*

## Informativo sobre Literatura Maranhense

Abril-junho de 2021 - Número 40

### Editorial

Dez anos!!! Mesmo com pouco incentivos, raros leitores, escassos colaboradores, raríssima divulgação, mas com muita dedicação, chegamos ao décimo ano deste Ilhãvirtualpontocom, que agora conta com 40 edições regulares e uma especial.

O projeto surgiu na metade de 2011 de modo tímido e sem muitas pretensões. A ideia era apenas ter um canal de divulgação das obras que eram lançadas e quase nunca recebiam a devida atenção. Sem preocupações orçamentárias e nem busca de patrocínios, o Informativo já apresentou diversos formatos e aspectos gráficos e com alguns colaboradores.

Algumas seções permanecem até hoje, como é o caso do Cantinho da Poesia e outras - entrevistas, homenagens... - desapareceram com o tempo. Contudo, as linhas gerais permaneceram sempre as mesmas: incentivar, divulgar e estimular a produção literária maranhense em seus diversos aspectos.

Atualmente, o Ilhãvirtual vem saindo em uma periodicidade trimestral ou quadrimestral, mas pode ser que volte a ser bimestral ou mesmo mensal, como já ocorreu anteriormente, tudo depende de tempo, disposição e do interesse dos leitores.

Parabéns ao Ilhãvirtualpontocom!!!

### Expediente

Ilhãvirtualpontocom é um informativo literário criado em 2011 e que tem como objetivo principal divulgar a cultura maranhense, principalmente em seus aspectos literários.

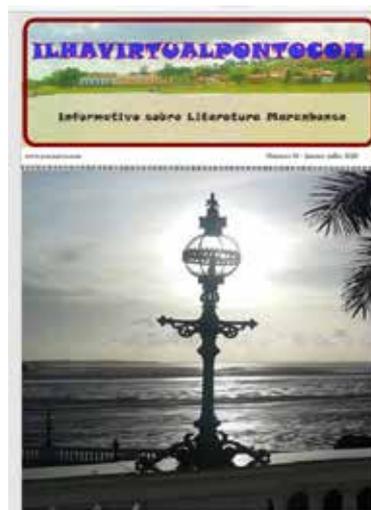
Editor: José Neres

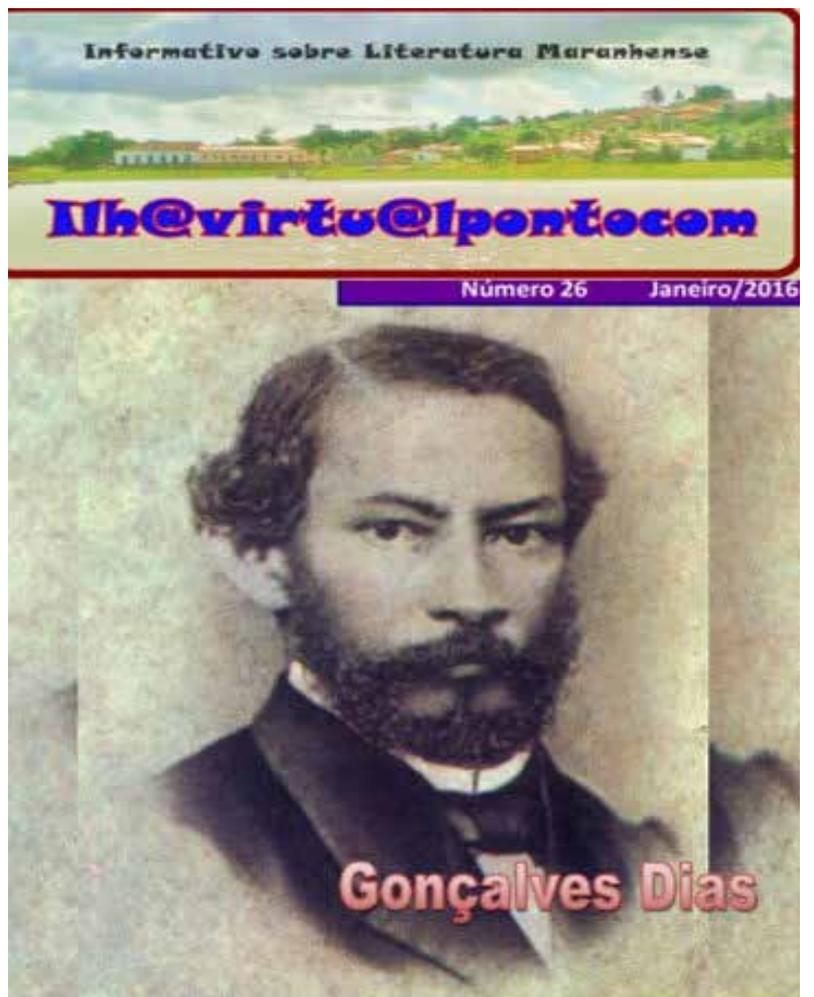
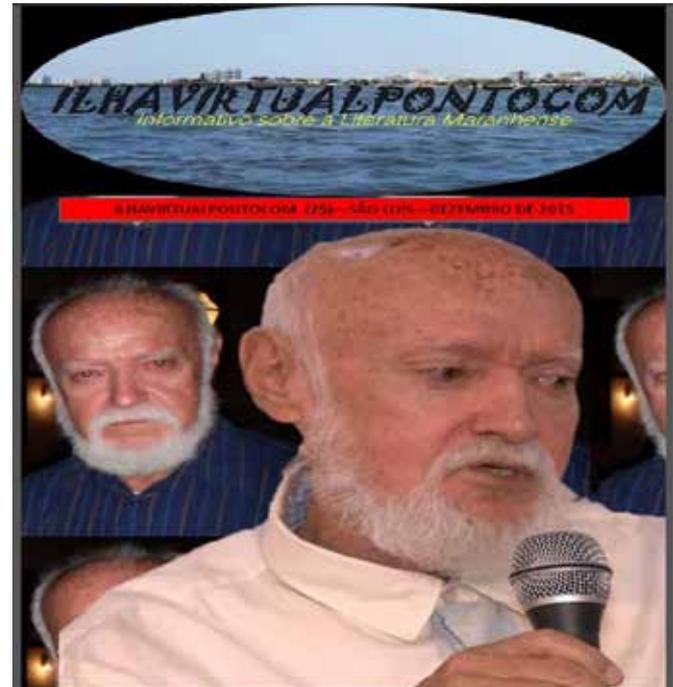
Colaboradores desta edição: José Neres, Linda Barros, Anna Liz Ribeiro e Marcos Fábio Belo Matos



## *Ilhãvirtualpontocom*

O informativo sobre a Literatura Maranhense desde 2011





Algumas Capas do Ilhavirtualpontocom

# O PRONTUÁRIO POÉTICO DO DOUTOR RAFAEL

Por José Neres

Professor, escritor e editor do Ilhvirtualpontocom

Ser poeta nem sempre está diretamente relacionado com o fato de alguém haver escrito e/ou publicado algum livro de poemas. Ser poeta vai além desse detalhe técnico. Ser poeta possivelmente é ter tatuados na alma, nas palavras e no silêncio a essência da poesia, a capacidade de enxergar além das aparências e o dom de renovar o tantas vezes já-dito com as vestes do não-dito. Às vezes a poesia abandona seu mundo de abstrações e se materializa em forma de poemas que acabam ganhando o mundo a partir da memória, dos recitais, dos endereços virtuais ou das páginas de um livro.

Mas, por algum motivo, as pessoas acabam exigindo que o poeta se “solidifique em poeta”, conforme vaticinou Nauro Machado em um de seus mais difundidos versos. Cria-se uma expectativa envolta em múltiplas cobranças: “Quando vai publicar um livro?”, “Estamos esperando seu livro.”, “E o livro, quando vem?”, etc. Não são raros os casos em que essas cobranças reiteradas acabam mutilando o poeta, que, no afã de agradar aos outros, acaba traindo as próprias convicções e acelerando a maturação de poemas que, infelizmente, às vezes, começam a nascer mortos ou talvez sem possibilidade de vicejar nos campos da vida.

Contudo, há também aquelas pessoas que sabem esperar um momento propício (se é que isso exista) para a publicação de sua prole poética em forma de livro. E, quando esse momento chega, vem acompanhado de uma explosão de exclamações de júbilo, dada a qualidade do trabalho que é apresentado ao ansioso público.

Foi isso o que aconteceu com o poeta e médico Rafael Oliveira, que, depois de muita insistência e de muitos recuos, acaba de trazer à luz seu primeiro livro intitulado O avesso abstrato das coisas (Pelanux, 2021, 128 páginas), uma obra que traz para os leitores e amantes da poesia uma mescla de leveza poética com a densidade de uma temática central que remete às enfermidades do corpo e da alma e faz cada pessoa refletir sobre a brevidade e a fragilidade de nossa condição humana.

Cada um dos poemas parece ter sido limado muitas vezes até atingir o ponto em que o contraste entre a economia de palavras e abundância de imagens transformasse palavras que poderiam ilustrar um

prontuário médico em uma bem acabada peça de ourivesaria poética na qual cada vocábulo está engastado com perfeição milimétrica transformando as dores das enfermidades em pequenas joias de poeticidade.

No prefácio ao livro, o poeta Bioque Mesito já adverte que “o que parece quando lemos Rafael Oliveira é que tudo perpassa pela retórica do mundo imaginado como os conceitos duros das ciências exatas, mas o que significa, na verdade, é a sensibilidade da poesia, a ternura dos poemas paradoxais ou ainda o que recolhemos do espanto de viver.” E essas constatações podem ser vistas do primeiro ao último poema do livro.

Logo no início, os leitores se deparam com o impactante poema Alzheimer e podem perceberem tristemente que tal doença tem como um dos efeitos:

esquecer a vírgula depois da manhã  
a tarde perde o sentido

o pôr do sol não cabe  
na memória (pág. 23)

Ao longo das páginas, o médico nascido em Goiás, mas que adotou o Maranhão como segunda terra natal, segue em sua saga de tirar o máximo de poeticidade de algo que geralmente é visto como antessala de um fim inefável. Sinestesticamente, é possível trazer à margem de cada leitor as incômodas sensações pelas quais passam as vítimas de enfermidades que não trazem em sua essência vestígios claros de poeticidade. Assim o AVC, que faz parte do drama de muitas famílias, é pintado metaforicamente como o momento em que:

o corpo perde lembranças  
no máximo se lembra  
pela metade

a mão esquerda  
não colhe flores (pág. 45)

E assim, nesse sintético prontuário poético, o doutor/poeta Rafael Oliveira consegue transmutar dores físicas e psicológicas em pílulas de poesia. Lúpus,

dermatite, anorexia, infarto, Parkinson, impotência, insônia, traumas, bipolarismo e muitas outros problemas do dia a dia dos consultórios saltam das folhas soltas de recitas, diagnósticos e exames e passam a fazer parte de um mundo no qual dores e perdas podem dar origem a outras formas de se ver os vazios que alimentam nossa certeza de diária partida.

Mesmo respeitando as rotinas e protocolos médicos, o poeta acaba lembrando o leitor de que há remédios que podem ir além da farmacologia química. Para tentar controlar a pressão alta, por exemplo, será também importante tirar um tempo para:

ver o pôr do sol  
numa tarde  
qualquer

evitar  
nuvens insubordinadas  
dentro dos olhos

tomar  
uma cápsula de lua  
ao dormir (pág. 61)

No prontuário poético do doutor Rafael, cada leitor é mais que um paciente, é um amigo que entre consultas, exames e anamneses pode levar para o resto da vida, impressa na retina e na memória, a certeza de que a poesia está em todos os lugares, até na dor... na nossa e na alheia.



---

# Notícias

---

Na tarde/noite de 29 de julho de 2021, foi eleito para Cadeira N° 2 da Academia Maranhense de Letras o poeta e ensaísta Fernando Braga, autor de livros como *Elmano, o injustiçado cantor de Inês* (2010), *Magma* (2014) e *Sebolim* (2019).

No dia 10 de agosto, além da data de nascimento do poeta Gonçalves Dias, também serão comemorados o 113° aniversário de fundação da Academia Maranhense de Letras, e o 8° aniversário da Academia Ludovicense de Letras.

Como parte das comemorações do oitavo aniversário da Academia Ludovicense de Letras (ALL) haverá a posse do psicólogo, professor e escritor Jadir Machado Lessa (cadeira 37, patroneada por Conceição Aboud Neves) e a do professor e escritor, José Neres (cadeira 28, patroneada por Dagmar Destêrro). Os novos acadêmicos serão recepcionados pelos escritores Sanatiel de Jesus Pereira e Antônio Ailton Santos Silva, respectivamente.

Na noite de 29 de julho de 2021, o GELMA (Grupo de Estudos Literários Maranhenses), coordenado pelo professor Doutor Dino Cavalcante, recebeu como convidado o juiz e poeta Weliton Carvalho, que conversou sobre sua produção literária e suas concepções do fazer literário.

O GELMA se reúne todas as quintas-feiras, via plataforma Google Meet.

# Engajamento e lirismo afloram na poesia de Wanda Cunha e de Linda Barros

Por Anna Liz Ribeiro \*

A literatura é o lugar em que o “eu” se encontra, se confronta, afronta, incomoda, se incomoda, diz, sente, se revela mesmo sem se revelar. Ao ler a poesia destas duas relevantes escritoras maranhenses, **Wanda Cunha** e **Linda Barros**, um turbilhão de sentimentos tomaram conta de mim – e os poemas me perpassaram em diversos campos – filosófico, psicológico, social, político, religioso, emotivo, principalmente.

Nas linhas dos poemas de Wanda eu ouço a voz da experiência, muita experiência, uma mulher que tem muito a dizer. A poesia de Wanda coloca o “dedo nas feridas”, é uma poesia/soco e com voz imperativa, ela alerta quem a ler, como no caso do poema do SER ASSIM:

*Você precisa conhecer a solidão/ Que tanto você precisa ser./ Você precisa conhecer a solidão/ Pra se acostumar consigo mesmo/E com os outros” [...]* “*Você precisa conhecer a solidão/ela é a única amiga/de quem tem muitos amigos/ela é a consciência”.*

Esse poema traz um caráter filosófico para dizer que no fim de tudo somos sós e lembra a filosofia de Nietzsche quando nos mostra que uma das características do espírito livre é a solidão, que se deve amar a própria companhia, em vez de temê-la e ele assevera “*quando se está consigo mesmo, sente-se em casa, onde quer que esteja”.*

Wanda traz também questões políticas e sociais, uma poesia engajada, a serviço do outrem, que nos faz parar e refletir sobre variadas questões. O poema Falta d’água, por exemplo, vemos a luta da mulher pela sobrevivência, uma imagem corriqueira no Nordeste, a mulher com a lata d’água na cabeça, o sofrimento, desespero e também uma mulher cheia de esperança –

*E, na rua, as latas d’água nas cabeças/ Retratam as marias, subindo o morro do desespero,/ Construindo cacimbas de*



*esperanças/ Em suas almas que a água não lava...*

Em Garota de rua, Wanda nos faz refletir sobre outra realidade da mulher, o feminicídio, abuso sexual e o pior de tudo, a impunidade –

*A garota foi comida crua/ Ela vivia na rua/ Atrás de comida/ Pra matar a fome/ [...] Não importa o homem/ Que roubou sem hímen/ Que a garota está frita/ E é babugem de tantos.*

Em fecundação, Wanda compara o gerar e o nascer a dois mundos, retratando a angústia de uma mãe que quer sempre proteger o filho (no útero/casinha) e que precisa deixá-lo nascer para conhecer o outro mundo nem tanto acolhedor (o regime do país) –

*Nove meses de espera/ dentro de um regime maternático/ Agora, numa dilatação de angústia,/ estou morrendo de dor/ meu filho vai conhecer o regime do país.*

No poema “Epitáfio”, Wanda nos traz um grande alento, ao nos fazer pensar que podemos ser como o vento, o silêncio, a maré e que um velório não há que ser triste, se se passou a vida cantando. A morte pode chatear-se, a poeta jamais –



*A morte vai ficar chateada/ Porque não haverá  
carpideiras/ nem lágrimas no meu velório./ [...] Ninguém precisará ficar triste/ [...] Quando eu morrer, quero música.*

Wanda lança mão de inumeráveis recursos poéticos para tornar a sua poesia mais enfática, firme, contundente. Entre aliterações, assonâncias, metáforas, utilização de formas fixas como o soneto, paráfrases, paródias, ela nos assombra, nos choca, nos emociona, porque a poesia é espanto e é encantamento.

\*\*\*

Linda Barros, por sua vez, deixa-me suspirar! Linda é leveza, suavidade. Ela fala de angústia, sonho, esperança, amor, dor, mas deve ser direto do Olimpo, inspirada por Érato ou será ela mesma a própria deusa?

Ao ler Linda, parece que ouço sua própria voz que acalenta o coração, que traz paz para a alma. Ela utiliza uma linguagem que nos perpassa e nos faz pensar sobre nós mesmas, fazendo uma viagem para dentro de nós. É a emotividade que fala na poesia de Linda Barros.

No poema Nasce o dia, Linda, através da rotação da Terra, mostra que a angústia é uma constante da vida -

*“Vai-se o dia/ Vai-se o sol/ Mas não apaga/  
Angústia vazia “. E ainda reiterando a temática,  
utilizando-se de recursos expressivos, em  
“Insônia”, ela diz: “O tempo vai/ passando/ len  
ta men te/ a Vida/ se vai/ len ta men te/ e de  
repente.../ a solidão.”*

E o lirismo toma conta da poesia de Linda e nos inebria, nos faz sonhar - “Sobrevoar é ver de longe/ onde posso chegar”; nos faz sentir saudade: “O único som que ouço/ é de um beijo que não lhe dei”; nos faz pensar sobre a efemeridade da vida, como no poema dedicado a Carvalho Jr -

*“E, então, sem mais nem menos,/ como uma flor  
murcha no outono/ ele se foi/ sem dizer adeus”*

E com toda esta emotividade, o amor não poderia deixar de ser cantado em sua poesia e assim vemos nos poemas Esperança e Amor -

*“Das cartas de amor que/ escrevi/ a você/  
Mesmo sendo palavras/ vazias/ Ainda que no  
seu incômodo/ silêncio/ Encheram minha alma  
perdida” e em - “Um amor puro/ Um amor doce/*

*Um amor duro/ Um amor que floresce/ Um amor  
que adormece/ E some,/ Sem nada dizer”.*

Laura Neres é, sem dúvida, um grande amor para Linda, então sua poesia não poderia deixar de homenagear a filha. O poema Tu, mulher retrata com veemência esse amor -

*Da delicadeza do seu olhar/ Saem as dores  
da alma/ Na leveza do seu andar/  
carregam suas angústias/ No  
desenho do seu corpo/ Passeiam seus  
desejos/ No seu enigmático sorriso/  
transbordam seus anseios/ Na  
maciez de sua pele/ Exalam seu  
perfume/ E nos seus ondulados  
cabelos, escondem todos os seus  
mistérios*

Ainda, no poema O parto, através da metalinguagem, Linda compara o ato de escrever ao ato de parir, dois atos dolorosos, mas produtivos -

*“Palavras são arrancadas/ do meu ventre/ dadas  
ao vento/ com emoção e/ desalento”*

Sendo deusa, não poderia faltar em sua poesia a referência a um mito grego, Narciso, para nos fazer lembrar que não podemos nos deixar dominar pela vaidade -

*“Sobre os reflexos nas águas/ Não posso ignorar o  
que vejo/ Mesmo que seja/ Apenas a sombra/ Do  
meu ser/ Espalhada na lâmina do rio”*

E como afirma o professor José Neres - “a poeta tem uma obra voltada para os sentimentos do ser humano com relação ao mundo”.

Por fim, posso dizer que mergulhar na poética dessas mulheres, causou um “reboiço” em mim e me fez apurar mais o olhar para a produção literária de mulheres que não deixa nada a desejar em relação à produção literária de homens. A verdade é que cada poeta tem seu lugar de fala e na literatura há lugar para todas as pessoas.

\* **Anna Liz Ribeiro** é professora, escritora e ativista cultural. É autora de diversos livros e é a Coordenadora/Presidente da Associação de Jornalista e Escritoras (AJEB-MA)



O artigo acima transcrito foi o texto lido durante a apresentação da Live “Venha Ler Conosco” (28.07.2021), projeto no qual Anna Liz Ribeiro recebe as afiliadas da AJEB\_MA para uma conversa sobre literatura.

# LÚCIA SANTOS - UMA POÉTICA EM BATOM VERMELHO

Por Linda Barros \*

Escrita em si é uma das formas mais verdadeiras de expressar a verdade de cada um. É através dela que nos expomos e mostramos nosso lado mais frágil, mais duro, mais real. Escrever é a liberdade expressa através das palavras. É na escrita que dizemos o que realmente sentimos. E é na escrita poética mais especificamente, que o eu poético de cada um consegue ultrapassar todas as barreiras, demonstrando toda fragilidade e força do autor ou autora.

Quando o autor se vale da poesia como forma de expressão, é absurdamente necessário que essa voz seja ouvida e entendida pelo leitor, pois assim as palavras não são ecoadas em vão, seja homem, seja mulher, cada um tem seus princípios, suas marcas registradas e o que cada um traz consigo, faz com que cada palavra não se torne obsoleto, mas que seja capaz de transmitir, ideias, marcas, opiniões, deixando para a sociedade um pouco de si.

A exemplo disso, temos Lúcia Santos, mulher que sempre esteve à frente de nosso tempo. Ela é o eu lírico que fala o que pensa, escreve o que quer e publica o que tem vontade.

Para a autora de *Batom Vermelho*, a sociedade não é só um espaço físico e geográfico em que ela ocupa (dependendo do lugar em que ela esteja). A vivacidade de seu corpo e de sua alma, está expressa e muito bem claro em seus textos. Lúcia não é artificial, como é possível observar nos versos do poema *Plastificada*, pois,



A flor de plástico  
Verde-oliva  
Nos meus dedos gira  
Rodopia  
E assim  
O meu olhar desvio  
Do coração em carne viva  
Vermelho-sangue

\*LINDA BARROS é professora, atriz e escritora. Faz parte da Academia Poética Brasileira, da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritoras (AJEB-MA) e da Sociedade de Cultura Latina. É colaboradora do *Jornal do Maranhão*, onde assina uma coluna na qual escreve sobre personalidades maranhenses, do site Região Tocantina e do canal Facetubes. É autora dos livros *Palavras ao Vento* e *Meu Ser Espelhado em Mim*.

Lúcia Santos, natural de Arari e irmã de Zeca Baleiro, começou a carreira fazendo “versinhos ingênuos”, como disse ela e que aos poucos foram caindo nas graças da vida. Sua primeira aparição foi em 86, em um concurso da Fundação Bandeira Tribuzzi, quando ganhou seu primeiro prêmio. Mais tarde participou do 8º Festival Maranhense de Poesia Falada, onde ficou em 3º lugar. Está presente nas coletâneas *Mulheres Emergentes*, Belo Horizonte e *Circuito de Poesia Maranhense*. Lúcia Santos é poeta, escritora, atriz e letrista brasileira. É autora de *Quase Azul Quanto Blue* (1992), *Batom Vermelho* (1997), *Uma Gueixa Para Bashô* (200) *Nu Frontal com Tarja* (2016).

Lendo Lúcia Santos, a maioria das mulheres com certeza se identificarão automaticamente, pois sua poética são como o reflexo de nós mesmas. Seus textos jorram o mais claro contentamento e expressão de fala no mundo. A poesia de Lúcia é ainda carregada de simbologia que percorre o ato mais corriqueiro da vida até o mais sombrio comportamento do ser humano, como nos versos a seguir, onde a autora discorre as mazelas pelas quais passamos nos momentos de baixo-astrol. O poema é Ato Falho e pode ser encontrado na obra *Batom Vermelho*.

Quando sinto saudade  
eu canto  
como um chocolate  
tomo chá mate com hortelã  
suco de maracujá  
lexotan  
camomila com romã  
quando tenho frio  
me aqueço  
uso cobertor de lã  
meias luvas agasalhos  
me visto até pelo avesso  
fecho janelas  
acendo velas ao meu protetor  
rogo aos anjos que conheço  
pra ver  
se cometo um ato falho  
e te esqueço

A poesia de Lúcia é carregada de simbologia que percorre o ato mais corriqueiro da vida até o mais sombrio do ser humano, pois assim a palavra é sua maior ferramenta para seguir a vida, para ela, um dia nunca é igual ao outro, como podemos observar no texto

*Arroz com feijão*

Todo dia  
Só para quem tem anemia  
E meias palavras

A escritora, poeta, atriz e escorpiana Lúcia Santos, nunca se deixou levar pelas mesmices da vida, seus textos repletos de figuras do cotidiano, sempre tiveram algo a dizer à sociedade, a exemplo disso temos o *Fio Terra*

Você diz que poesia não dá ibope  
pois meta seu dedo sem tato  
na tomada da palavra  
pra ver se ela não choque

Lúcia Santos dá voz a seus textos, mesmo falando de temas tão banais, a autora acaba envolvendo o leitor em seu emanharado mundo da poesia, nos fazendo viajar em um vôo que nos leva distantes da realidade e nos faz ao mesmo tempo aterrizar em uma realidade bem próxima. Na verdade, a literatura em geral e mais especificamente, a poesia, tem essa função, de asas ao leitor para que ele pouse onde quiser e como quiser interpretar nas entrelinhas, como vemos nesse

belo poema Flash

no susto  
um gato pula  
do mamoeiro ao muro  
com precisão  
distraidamente  
leio um poema  
como quem desgruda  
as patas  
do chão

Na poesia, cada verso, cada estrofe, cada musicalidade que está expressa no texto, é a forma com que o autor ou autora se valeu no momento da criação para expurgar os sentimentos guardados dentro de si. Como no teatro, onde a magia do palco faz com cada ator ou atriz empresta seu corpo para que o personagem possa falar exercendo uma função de maniqueísta de transformação no bem, no mal, no belo, no feio.

Escrever é expressar sentimentos, é dá vida à própria vida. Para quem conhece a autora, é possível perceber uma pessoa de personalidade forte, mas que ao mesmo tempo podemos ver uma mulher também delicada, como é possível se perceber no poema a seguir: *CUIDADO:*

*FRÁGIL*

me trate como eu mereço  
me farte sem que eu peça  
me afague pra que eu cresça  
me guarde louça  
pra que eu não  
quebre

Enfim, a poesia mesmo em sua sutileza, muitas vezes esconde ou mostra de forma clara o eu do autor ou autora. No caso

específico de Lúcia Santos, ela não economiza as palavras para dizer o que realmente quer expressar.



# Cantinho da Poesia

## Minha Leitora

Ah, ela leu meus versos!  
Que falavam de amor.  
Os meus olhos imersos,  
Buscavam-na com ardor.

Ah, ela sentiu o meu canto!  
E eu a vi com prazer  
Como nunca vi... Garanto.  
Nem quando vi o riso se suceder.

Como é envolvente,  
Vê-la observando meu pranto.  
É-me tão presente.

Que força me dá tanto  
E torno-me contente,  
Com a bênção do Santo.



Um dos objetivos do Ilh virtual ponto com é trazer de volta aos leitores alguns textos que não estejam disponíveis tão facilmente ao público em geral. Neste número, trazemos uma pequena amostra da obra poética do professor, escritor e pesquisador Dino Cavalcante.

Os poemas aqui presentes foram retirados do livro **Canto Selvagem**, publicado em 1992, em parceria com Joelma Corrêa, e marcam os primeiros passos de Dino Cavalcante nos caminhos da literatura.

Na imagem, os escritores Dino Cavalcante e Maur César Vieira

## Sobre o autor

Graduado em Letras (português/Inglês) pela Universidade Federal do Maranhão, Dino Cavalcante é mestre e doutor em Estudos Literários pela Unesp. Além de *Canto Selvagem* (Com Joelma Corrêa), publicou também *Genealogia das picuinhas* (com Elessandro Rodrigues) e *Reflexões*, além de outros trabalhos publicados sob pseudônimos diversos e de estudos de caráter científico sobre literatura.

Atualmente, Dino Cavalcante é professor do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão, fazendo parte também do corpo docente do Mestrado em Letras da Instituição.

## Poesia

Poesia é a escrita do mundo  
É a alma da paixão  
É o encanto do amor  
É o canto do coração.

É pura alma  
É um amor fazê-la  
Em cada encanto  
De uma estrela.

É coisa maravilhosa  
É a arte de viver  
É loucura contagiante  
É força que vem envolver.

E o canto das selvas  
É o barulho do mar  
É a substância presente  
Em cada verso do meu cantar.

# No fundo do poço tem água doce

Por Marcos Fábio Belo Matos\*

Quem foi que disse que estar no fundo do poço é uma coisa totalmente ruim? Como dizia um célebre apresentador de TV de São Luís, lá pelos anos 90, “pode ser e pode num ser”. Vai depender do que você faz com o sentido da frase. Vai depender de como você enxerga o fundo do poço. Vai depender da sua disposição de enxergar o que tem lá no fundo. Vai depender da sua energia para afundar ou boiar.

Eu prefiro achar que a frase, de alguma forma, pode trazer antes um fio de esperança do que uma irreversibilidade, algo com que nós não podemos lutar, que não traz nenhuma possibilidade de solução.

Aprendi, no dia a dia das minhas lutas, internas e externas, que sempre é possível ver uma alternativa diferente, quando o que se nos apresenta é apenas o lado negativo de algo. Acabou a grana no meio do mês? Se vire pra buscar mais; acabou o relacionamento? Parta pra outro; acabou a saúde? Se esforce pra ficar são, buscar tratamento, conseguir remédios e não se entregue pra morte facilmente; acabou a fé? Busque outra fé ou resgate a antiga, que só está lá, escondidinha, uma centelha esperando ser soprada pra virar chama; acabou o tesão? Busque posições novas, invente, mude de horário, compre umas fantasias; acabou o entusiasmo pelo trabalho? Mude de setor, peça pra fazer outra coisa, mude de horário – no limite, saia do emprego, se isso for possível; acabou o tesão de estar com os amigos de sempre? Faça amigos novos ou mude de papo com os antigos; acabou a vontade de viver na sua cidade? Tente transformar alguma coisa na cidade, ou se mude – se for possível. Enfim, busque sempre uma boa alternativa para algo. Senão, você se afogará no seu mar particular de lamúrias.

Experiência própria. Já quase me permiti me afogar muitas vezes. Já perdi tudo o que tinha algumas vezes. Já vi minha saúde ir pelo ralo do dia para a noite. Já perdi muito dinheiro. Já demoli alguns lares. Já comecei e recomecei um tantão de oportunidades que não cabem nos dedos das duas mãos. E sempre me refaço, me reinvento, vou tentando seguir em frente, como um cão vai andando, lambendo suas feridas. Nunca me entrego. Nunca submerjo.

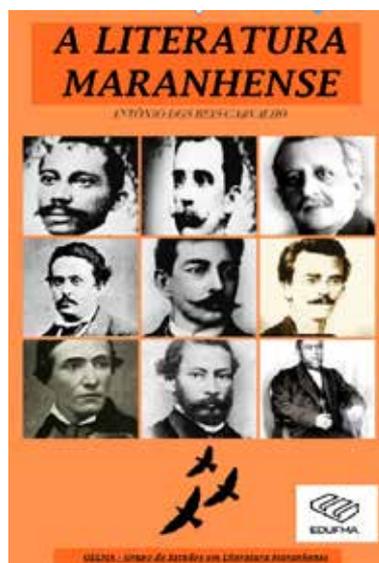
É um exercício difícil, complicado e, no mais das vezes, solitário. Saiba disso: o mundo não quer ouvir suas lamentações. O mundo só quer ouvir suas piadas e suas histórias de sucesso. Ninguém terá paciência para seus fracassos e suas refacções. Todo mundo vai querer tirar fotos com você quando você chegar à boca do poço, mas ninguém (ou muito poucos) vai querer te puxar de lá. É você e você, meu caro, minha cara. A luta é sua. E valerá a pena – se assim for o seu desejo.

No fundo do poço, então, pode ter uma água doce, limpa e fresca. Fique um pouco lá, se Deus ou o destino permitir, e saia renovado, lavado e pronto pra nadar de novoww



\* **MARCOS FABIO BELO MATOS** é graduado em Jornalismo e em Letras. É Doutor em Lingüística e Língua Portuguesa, mestre em Comunicação e Cultura e especialista em Língua Portuguesa. É autor de diversos livros e atualmente exerce os cargos de vice-reitor e de diretor de comunicação da Universidade Federal do Maranhão. É autor de diversas obras e editor do site Região Tocantina, de onde foi transcrito a crônica acima publicada. É também membro efetivo da Academia Bacabalense de Letras e da Academia Imperatrizense de letras

# Sugestões de Leitura



“Livro indispensável para quem deseja conhecer a literatura Maranhense em suas origens”. (Professor Doutor Dino Cavalcante)

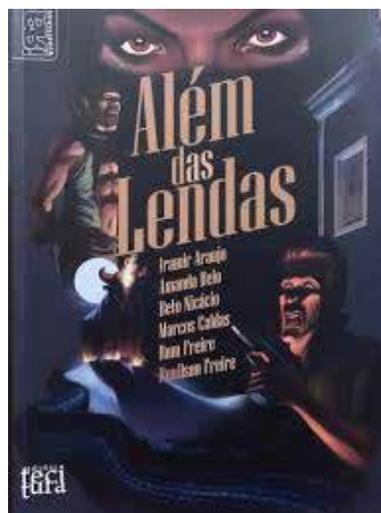
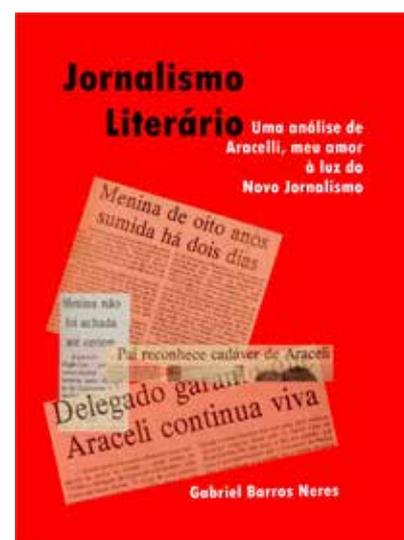
Depois de muitas décadas fora de circulação, o estudo sobre a literatura maranhense, escrito pelo professor, poeta e dramaturgo Antônio dos Reis Carvalho, pode ser novamente encontrado em versão digital neste e-book disponibilizado na internet pelo Grupo de Estudos em Literatura Maranhense (GELMA)

O livro pode ser baixado gratuitamente em: <https://dinodealcantarablog.wordpress.com/2021/07/22/a-literatura-maranhense/>

## ***Jornalismo Literário Uma análise de Aracelli, meu amor, à luz do Novo Jornalismo***

- de Gabriel Barros Neres, é fruto de seu Trabalho de Conclusão de Curso na Faculdade de Jornalismo do Centro Universitário Estácio, e depois foi transformado em livro. Está disponível na Livraria do Autor Maranhense - AMEI.

Trata-se de um livro no qual o autor faz uma análise do romance *Aracelli, meu amor*, de José Louzeiro tendo como ponto de partida as teorias do Novo Jornalismo. Ao longo do texto, o autor tece diversas considerações acerca do estilo de José Louzeiro e estuda um dos mais emblemáticos romances da literatura brasileira do século XX.



Neste livro, roteirizado e desenhado por alguns dos mais expressivos nomes dos quadrinhos maranhenses da atualidade - Iramir Araújo, Amanda Belo, Beto Nicácio, Marcos Calda, Rom Freire e Ronilson Freire - Algumas das lendas maranhenses são contadas de um modo lúdico e informativo, com novas ambientações, mas sem perderem o caráter folclórico e popular.

Lendas como a do Olho D'água, da Manguda, do Touro Encantado, do palácio das Lágrimas, entre outras são retomadas pela linguagem dos quadrinhos oferecendo aos leitores uma experiência inovadora com relação à história que já fazem parte do imaginário Maranhense. Livro disponível na Livraria do Autor Maranhense - AMEI.